

SOBRE A CURIOSIDADE [PLUTARCO]

Tradução

Pedro Luiz Baratieri

Doutor em Filosofia pela UFRJ

Nota do tradutor brasileiro

Apresenta-se a seguir uma tradução a partir do italiano, mas com atenção ao texto original grego, do tratado intitulado “Περὶ πολυπραγμοσύνης” (*Peri polypragmosýns*, i. e., “sobre a curiosidade”), mais conhecido pelo seu título latino, *De curiositate*, de autoria do filósofo grego Plutarco de Queroneia (46 d.C. – 120 d.C.). *Grosso modo*, a obra desse filósofo é dividida entre, de um lado, as assim chamadas *Vidas Paralelas (Vitae)*, pares de biografias de um grande homem grego e um grande homem romano, como, p. ex., as *Vidas de Alexandre e César*, e, de outro lado, as assim chamadas *Obras Morais (Moralia)*, que são em larga medida tratados acerca de paixões ou doenças da alma, como a tagarelice, a ira etc., junto com uma série de prescrições para o tratamento dessas paixões. O texto aqui traduzido faz parte das *Obras Morais*.

Com efeito, antes da filosofia ser a atividade profissional especializada em analisar conceitos ou propor teses e discuti-las com argumentos a respeito de áreas específicas da realidade, e antes dos autores antigos serem considerados somente objetos do conhecimento de outro período histórico, ou seja, antes do positivismo e do historicismo do século XIX, Plutarco era considerado um dos maiores filósofos da Antiguidade e de toda a tradição. Ele era tomado, portanto, como um conselheiro, mestre ou autoridade a ser sempre consultada por quem quer que simplesmente quisesse viver, no *hic et nunc* de cada vez, de forma mais sábia e, claro, melhor.

Por exemplo, para Leopardi, o genial poeta e pensador italiano, Plutarco teria sido talvez o mais filósofo de todos os filósofos gregos (PISANI, 2017, p. XXXIII). Já Schiller fez o protagonista de uma de suas peças dizer que tinha asco do seu século ao ler em seu Plutarco a vida de grandes homens (*Os Bandoleiros*, Ato I, cena 2). Rousseau, por sua vez, conta em suas *Confissões* que aos oito anos de idade a sua leitura favorita era Plutarco, bem como que teria sido dessa leitura, somada às conversas que tinha a respeito com seu pai, que teria se formado o seu “espírito livre e republicano, este caráter indomável e altivo que não suporta jugo nem servidão” (ROUSSEAU, 1959, p. 17). Em seus *Ensaio*s, por seu turno, a propósito de uma tradução de Plutarco,

Montaigne diz: “Nós outros, ignorantes, estaríamos perdidos se esse livro não nos houvesse arrancado do tremedal em que andávamos mergulhados. Graças a ele, ousamos hoje falar e escrever (...): É nosso breviário” (II, 4). É sabido, de resto, que Shakespeare dificilmente teria escrito algumas de suas mais belas peças históricas, como *Antônio e Cleópatra*, *Júlio César* e *Coriolano* sem as *Vidas Paralelas* de Plutarco (PISANI, 2017, p. XXXI)¹. Enfim, embora a lista pudesse continuar, isso já nos parece suficiente para fazer de Plutarco alguém digno de nossa atenção.

Essa atenção pode se tornar ainda mais respeitosa, talvez, se lembrarmos que a forma como se entende a filosofia hodiernamente, sobretudo de ponto de vista profissional e institucional, não é a única possível – para dizer o mínimo. Nesse sentido, basta recordar que filosofia, no sentido genuíno do termo, é amor (*philo-*) à sabedoria (*-sophia*). Depois, se bem que o amor não seja menos importante aqui do que a sabedoria, seria suficiente refletir por alguns segundos acerca do que é a sabedoria e de como seria um sábio. Fazendo isso, não nos parece que se possa igualar a sabedoria à ciência ou ao conhecimento (menos ainda proposicional), nem o sábio a um cientista ou a alguém que tenha conhecimentos². De fato, sobremodo difícil é imaginar, por exemplo, um sábio injusto, covarde ou desumano; em contrapartida, parece possível que alguém com muito conhecimento seja injusto e coisas afins. Ser esperto ou inteligente, ter conhecimentos ou algo que o valha não parece o mesmo que ser um sábio. As diferenças de sentido entre termos como “sabedoria” e “conhecimento”, “sábio” e “cientista” são testemunhos que o senso comum presta (e não só na nossa língua) a favor dessa distinção. Em consonância com essa perspectiva, Sócrates já dizia que “todo conhecimento (*πᾶσά τε ἐπιστήμη*) separado (*χωριζομένη*) da justiça (*δικαιοσύνης*) e das demais virtudes (*τῆς ἄλλης ἀρετῆς*) revela-se malfeitoria (*πανουργία*), não sabedoria (*οὐ σοφία*)” (*Menexeno*, 247a1). Exageros à parte, o seu ponto é plausível, contanto que se reconheça que um conhecimento é um poder (*dúnamis*) e que, por conseguinte, quanto pior for o caráter da pessoa que o adquire, tanto mais nocivo ele será.

¹ É algo para o que também aponta Barbara Heliodora (SHAKESPEARE, 2017, p. 303), tradutora brasileira das peças de Shakespeare.

² Assim, Plutarco diz o seguinte acerca de Sólon (um dos assim chamados sete sábios da Grécia e alguém, portanto, cuja sabedoria é crucial no contexto de surgimento da filo-sofia): “Na Filosofia, como a maioria dos sábios (*τῶν σοφῶν*), votou preferência à moral cívica (*τοῦ ἠθικοῦ (...)* τὸ πολιτικόν); na Física, foi demasiado simples e primitivo (...). Dum modo geral, Tales, parece, era o único cientista (*σοφία*, a rigor: ‘a sabedoria de Tales tão-somente...’) a levar a investigação (*τῆ θεωρίᾳ*) além das necessidades práticas; os demais devem o nome de sábios (*τῆς σοφίας*) à prestante de estadistas (*τῆς πολιτικῆς ἀρετῆς*, i.e., à ‘virtude ou excelência política’). *Vida de Solon*, 3.5.

A propósito, então, da filosofia enquanto amor à *sabedoria* e então como um aprendizado que já incluiria transformações por assim dizer éticas, alguns trabalhos de intelectuais os mais respeitáveis, como Pierre Hadot (1999) e Michel Foucault (2006), mostraram que para os gregos e romanos da Antiguidade de um modo geral a filosofia não era a simples adesão a teses gerais junto com a perícia no uso de argumentos racionais; era, antes, um modo de vida e uma atividade que envolvia, ademais do aprendizado de teorias, práticas e exercícios que ensejavam uma transformação radical naqueles que a ela se dedicassem. Desse modo, diante da atual efervescência religiosa, da presença obsedante de uma espiritualidade mercantilizada e do recurso cada vez mais frequente aos *coachs* mais variados, em vez de sentir um desprezo não raro arrogante, quem sabe o filósofo acadêmico poderia reconhecer que nesses casos se tenta dar alguma satisfação – sim, epistemologicamente suspeita, moralmente questionável e politicamente perigosa – a aspirações genuinamente humanas, mas que seriam mais bem canalizadas se a filosofia (inclusive acadêmica e profissional), reconhecendo-se como amor à sabedoria e portanto como manifestação do desejo humano de viver melhor e mais sabiamente, assumisse a parte que lhe cabe dessas aspirações.

Um passo nesse sentido seria voltar a reconhecer em Plutarco o grande filósofo que sempre foi. Exemplificando de forma paradigmática a tradição mencionada acima, a concepção que Plutarco exhibe de filosofia é *ascética* (do grego “*ἀσκησις*”, *askēsis*, *exercício*), uma vez que inclui práticas reiteradas ou exercícios pelos quais o seu praticante formaria em si um hábito (*ἔθος*, *ethos*) e, a partir de um conjunto de hábitos, o próprio caráter ou modo de ser (*ἦθος*, *ethos*). A recomendação desses exercícios, contudo, costuma ser precedida pelo ensino teórico (*μάθησις*), que pode incluir uma definição do assunto em questão, acompanhado em seguida de uma potentíssima retórica pedagógica, pois que se vale de uma série de imagens e analogias tão perspicazes quanto chocantes, bem como de belíssimos exemplos positivos³ e de horríveis exemplos negativos⁴, com o fito de alertar, mas também de impressionar marcando-nos a alma, contra os malefícios decorrentes do vício em questão. Plutarco recomenda que alguns desses discursos, com seus exemplos, analogias e anedotas, sejam memorizados por nós a fim de que, estando sempre disponíveis ou “à mão” (*πρόχειρον*), possam ser utilizados

³ Eis, na filosofia clássica, o tradicional προτρεπτικός λόγος (discurso protréptico, exortativo, encorajador).

⁴ Eis, na filosofia clássica, o tradicional ἀποτρεπτικός λόγος (discurso dissuasório, desencorajador, para demover o ouvinte de fazer algo).

prontamente no dia a dia como espécie de escudo a cada vez que a ocasião adversa se apresentar.

Essa estrutura – ensino teórico (μάθησις) seguido de analogias e exemplos impressionantes a serem memorizados, com a recomendação, por fim, de alguns exercícios – poderá ser constatada pelo (a) próprio (a) leitor (a) no texto cuja tradução é apresentada a seguir. De fato, o texto define a curiosidade logo no início como “um grande desejo de saber (*philomatheia*) dos males alheios”. Por ser *amor (philo-) pelo saber*, a curiosidade não deveria ser extirpada da alma, mas sim redirecionada. Contudo, por voltar-se para o alheio, o seu problema para Plutarco seria, *grosso modo*, o descuido de si que lhe seria concomitante. Ao buscar saber da vida dos outros, o curioso deixaria de se ocupar de si mesmo⁵. E como, na concepção de Plutarco, o curioso prefere saber dos males (talvez porque possa se sentir melhor pela simples comparação e sem muito esforço), então busca saber daquilo que em geral os outros não querem que se saiba. A curiosidade tenderia, assim, a aborrecer os outros e a torná-los inimigos do curioso, o que pode ser deveras perigoso, como no caso em que o outro é alguém poderoso. Além disso, o indiscreto tenderia a ser mais útil a seus inimigos que a si mesmo, pois pelo menos os faria tomar consciência dos seus defeitos enquanto ele se esqueceria dos próprios. Plutarco passa a relatar, então, exemplos positivos e negativos de controle da curiosidade, como Odisseu, Belerofonte e Sócrates, no primeiro caso, e o atleta Dioxipo, no segundo. Além disso, recorre a imagens poderosas como a do curioso como uma galinha que, muito embora tenha comida suficiente e boa consigo, sai por aí procurando um estrume em que possa encontrar algo com que se alimentar. Por fim, já tendo despertado o nosso alerta contra a curiosidade, Plutarco recomenda alguns exercícios que poderiam curar essa doença: um deles é caminhar pela rua esforçando-se para não ler o que está escrito em cada uma das placas por que se passa e outro seria não se apressar em abrir uma carta assim que ela chega.

Essa estrutura do texto consiste, porém, em um padrão que se repete em outros tratados de Plutarco. Em *Sobre a Tagarelíe* (Περί ἀδολεσχίας), o filósofo deixa mais claro como entende o nexos entre esses diferentes momentos da filosofia. Depois de discorrer longamente sobre o que é a tagarelíe e de mostrar, por meio de histórias tão maravilhosas quanto assustadoras, os terríveis males desse vício, Plutarco diz:

⁵ Desde Sócrates, pelo menos, boa parte da filosofia na Antiguidade consistia numa espécie de cuidado de si. Ver, a esse propósito, o diálogo platônico *Primeiro Alcibiades*, mas também o estudo bastante abrangente dessa noção por parte de Michel Foucault (2006).

Essas coisas, contudo, não devem ser tomadas como uma acusação à tagarelice, mas sim como um tratamento e um processo de cura (ιατρείαν) dela; com efeito, sobrepujamos as paixões (παθῶν) por meio do juízo (κρίσει) e do exercício (ἀσκήσει), mas primeiro vem o juízo. Pois ninguém se habitua a evitar ou a apagar da alma o que não o desagrada. As paixões, no entanto, tornam-se desagradáveis quando compreendemos pelo discurso (τῷ λόγῳ) os malefícios e as ignomínias que delas advêm⁶.

Assim, o discurso teórico, as imagens e os exemplos chocantes visam a suscitar a compreensão do vício ou da paixão em questão junto com a capacidade de distingui-lo (κρίνω) de virtudes e de outras paixões da alma, mas também pretendem ensejar, pelo reconhecimento de sua periculosidade, certo choque ou crise (κρίσις) que leve à decisão (κρίσις) de começar a tratá-lo.

Como se pode notar, além de ascética, a concepção que Plutarco tem de filosofia também é medicinal. Vícios de caráter ou paixões malsãs, como a curiosidade, a tagarelice, a ira ou a avareza, são compreendidos como doenças da alma: “É indigesto e difícil para a filosofia realizar a cura (θεράπεια) da tagarelice, pois o remédio (φάρμακον) que ela usa, a palavra (λόγος), é só para aqueles que escutam, ao passo que os tagarelas, como estão sempre falando, não escutam ninguém”⁷. A filosofia seria, então, cura da alma pela palavra. E seria tanto mais necessária que a medicina quanto piores seriam as doenças da alma do que as do corpo, já pela simples razão de que a alma que controlaria e utilizaria o corpo, mas também pelo fato de que, ao contrário de quem está doente no corpo, os doentes na alma em geral não percebem ou não admitem que estão doentes. A primeira e pior doença da alma seria, assim, a ignorância, e sobretudo como falta de autoconhecimento⁸.

Não é original, muito menos uma extravagância da parte de Plutarco, essa concepção de filosofia. Ela remonta pelo menos aos diálogos de Platão, em alguns dos quais vemos Sócrates, o modelo insuperável de filósofo, apresentado como um médico de almas⁹. De resto, a ideia de que os discursos

⁶ *Sobre a Tagarelice*, 16, 510c-d. Tradução nossa do grego. Há, no entanto, uma tradução de Mariana Echalar desse texto para o português.

⁷ *Sobre a Tagarelice*, 1, 502b.

⁸ Plutarco dedica um pequeno texto a essa questão: *Das Doenças da Alma e do Corpo, Quais são as Mais Graves?*, cuja tradução para o português consta em PLUTARCO, *Sobre a Tagarelice e outros textos*, realizada por Mariana Echalar.

⁹ Ver, por exemplo, o *Cármides* (155b2, 156d-157c) e o *Górgias* (464b, 501a1, 521e).

estariam para a alma como um *pharmakon* está para o corpo era um lugar-comum do ambiente intelectual da Atenas do Período Clássico¹⁰.

Quanto à “doença” em questão, ou seja, a curiosidade, ela também é digna da nossa atenção quer pela enorme importância que lhe deu a tradição filosófica, quer pela relevância do fenômeno em si mesmo, de resto levada ao paroxismo por circunstâncias do contexto atual.

Já em Homero, “o educador da Grécia”, pode-se ver certa problematização da curiosidade no episódio das Sereias, uma vez que uma parte importante do poder de sedução de suas palavras, poder que faz os viajantes perderem o retorno à casa, é sua promessa de darem a saber tudo que aconteceu em Troia e sobre a vastíssima terra (*Odisseia*, 12.188-191). Já aqui, portanto, a curiosidade pode se opor à recordação do próprio dever e a um retorno “a si”. Também se pode ver um alerta contra a curiosidade em um dos fragmentos do filósofo Heráclito: “Múltiplos conhecimentos não ensinam a ter inteligência”¹¹. Entretanto, é bem provável que nada tenha contribuído mais do que a imensurável influência de Sócrates em nossa tradição para fazer da curiosidade um problema filosófico de primeira ordem. Com efeito, deixando de lado a investigação da natureza, característica dos assim chamados filósofos pré-socráticos, para passar a investigar as questões éticas¹² e exortar a humanidade de forma contumaz ao autoconhecimento¹³, Sócrates questionou o valor de todos os conhecimentos do que nos é alheio e privilegiou um único saber sobre um único tema: si mesmo.

Não é de se estranhar, assim, que a curiosidade tenha um papel assaz relevante na obra do maior discípulo de Sócrates e daquele que é o mais influente filósofo da tradição: Platão. De fato, segundo sua obra mais importante, um dos piores males que poderiam afetar uma comunidade política seria justamente a *polypragmosyne* (*República*, 434b7-c2, 444b2), mesmo termo que Plutarco utilizaria para falar na curiosidade. É que, de acordo com

¹⁰ Em diálogos de Platão como *Fedro* (270b6-7), *Teeteto* (166e), *Cármides* (155b-157c) e *Mênon* (80a-c), mas já desde os sofistas: ANTIFONTE, 2008, p. 35; Górgias, *Elogio de Helena*, 14.

¹¹ Tradução nossa de: “πολυμαθῆν νόον ἔχειν οὐ διδάσκει”. Fragmento B40, Diels-Kranz.

¹² “Convencido de que o estudo da natureza nada tem a ver conosco, Sócrates passou a discutir questões morais na praça do mercado (...)”. Diógenes Laércio, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* II, 5, 21. Ver Cícero, *Tusculane* (V, 10). Já Xenofonte diz que Sócrates censurava os que investigavam a natureza do cosmo presumindo ou bem que já conheciam suficientemente as coisas humanas, ou bem que poderiam tirar proveito desses conhecimentos, como se pudessem, por exemplo, fazer chover ao seu alvedrio graças ao conhecimento do céu. *Memoráveis* I, 11-15.

¹³ Ver o diálogo platônico *Primeiro Alcibiades*. Ver também Platão, *Fedro* (229d-230a), onde Sócrates afirma seguir a inscrição délfica do “conhece-te a ti mesmo” e censura quem se dedica a conhecer coisas alheias sem antes ter conhecido a si mesmo.

essa obra, uma comunidade plenamente justa e perfeita seria aquela em que cada cidadão realizaria apenas a obra para a qual estivesse mais apto por natureza e nada mais (434a *et seq.*). *Polypragmosyne*, no entanto, é literalmente a dedicação a múltiplas (*poly-*) atividades (*-pragmosyne*), razão pela qual muitas vezes tem o sentido (inclusive no texto de Plutarco) de *ingerência no alheio, indiscrição, intromissão* e então *curiosidade*. Segundo a *República* (*ibid.*), a justiça seria cada um tomar parte somente no que lhe é *próprio*, seria ocupar-se do *próprio*; *polypragmosyne*, porém, é preocupar-se com o *outro* e com o *alheio*. Ademais disso, a curiosidade enquanto desejo de ver por ver voltado, inicialmente, sobretudo para novidades tão admiráveis quanto triviais também se faz presente de forma importante, ainda que não tão explícita, na famosa Alegoria da Caverna, em que os cavernícolas passam o seu dia a dia entretendo-se vidrados nas imagens admiráveis (*thaumata*) das sombras projetadas na parede pelos taumaturgos (*thaumatopoióis*) – de certa forma, os nossos profissionais do entretenimento audiovisual (514b5-6).

Na medida em que essa curiosidade comezinha e mesquinha volta-se para o estranho, alheio e novo (ou seja, para o desconhecido), não deixa de ser um desejo de saber¹⁴, com o que se torna tão crucial quanto ambivalente: por um lado, pode ser entendida como a *degeneração* da mais elevada aspiração humana, o amor ao saber (ou seja, a filo-sofia), porquanto não se compromete diligentemente com nenhuma busca mais exigente pelo saber e só se volta de maneira frívola para o que é novo enquanto é novo, passando rapidamente à novidade seguinte, como acontece quando se vêem filmes e se lêem livros por entretenimento¹⁵; por outro lado, essa curiosidade mesquinha e cotidiana, sendo uma manifestação, ainda que inicial e baixa, do desejo de saber, pode ser redirecionada para assuntos mais elevados. Esse giro ou redirecionamento da curiosidade será recomendado explicitamente por Plutarco, mas já se faz presente na obra de Platão, tanto na *República* (518c-d), ao definir a educação como um reviravolta (*periagoge*) da alma toda e com ela do seu desejo de ver e aprender, quanto no *Banquete*, que começa com alguém pedindo ao narrador do diálogo que lhe conte como foram os discursos eróticos no jantar na casa

¹⁴ Já mencionamos que uma das definições que Plutarco lhe dá é justamente “um grande desejo de saber (*philomatheia*) dos males alheios” (*Sobre a Curiosidade*, 1), definição em que se pode notar tanto o caráter por assim dizer filosófico da curiosidade – afinal, amor (*philo-*) por aprender (*-matheia*) – quanto a sua relação com a alteridade, pois se volta para os males *alheios*, para a vida alheia, para o outro.

¹⁵ A rigor, essa relação entre a curiosidade e uma sede pelo novo fica mais evidente na reflexão de Heidegger em *Ser e Tempo* (em alemão, a palavra para *curiosidade* é “*Neugier*”, lit. *cobiça [-gieh]* pelo novo [*neu-*]), mas ela já aparece nos autores gregos, como Homero (*Odisséia*, 1.159-61), Platão (*República*, 422a, 565b) e Plutarco (*Sobre a curiosidade*, 6-8).

de Agatão a que teriam estado presentes Sócrates e Alcibiades¹⁶, sobre os quais já havia rumores de que teriam tido um caso amoroso (*Banquete*, 172b). É, portanto, a fofoca (ou a tagarelice) e o desejo (Éros) de saber mais mesquinho que dão início ao diálogo sobre o Éros e que no seu clímax define o Éros como amante do saber, ou seja, como filósofo (*ibid.*, 204b). Ora, se a curiosidade é desejo de saber da vida alheia, de des-cobrir o outro, o Éros, como já notaram vários estudiosos¹⁷, deseja sobretudo o outro e, como é verossímil pensar, des-nudar o outro.

Essa relação evidente entre a curiosidade e o Éros foi explorada à exaustão por Apuleio (séc. II d. C.), filósofo de inspiração platônica que, em sua obra *O Asno de Ouro*, parece ter feito uso de algumas intuições presentes no texto aqui traduzido¹⁸. Com efeito, Plutarco relaciona de forma explícita a curiosidade à incontinência sexual e ao adultério (*Sobre a curiosidade*, 8-9). Já na obra de Apuleio, confessando o tempo inteiro a sua curiosidade excessiva, o protagonista e narrador conta que certa feita, ao desejar saber, com a ajuda de sua amante, o que uma feiticeira fazia escondido, descobriu que ela se transformava em pássaro e então tentou também ele transformar-se em um pássaro como o Cupido (!). No entanto, o plano dá errado e ele acaba transformado em asno. Sob a forma, porém, desse animal de carga – pouco inteligente, mas que serve muito os outros –, passa a testemunhar diversas histórias sobre a vida alheia, histórias cujo tema mais comum é precisamente as desgraças derivadas do desejo apaixonado (Éros) e da curiosidade – sendo o adultério em geral um paradigma dessa união, sobram, no texto, histórias catastróficas de adultério¹⁹. Não por acaso, no coração da obra há justamente o famoso mito de Psiquê e Cupido (ou seja, da Alma e do Amor, versão romana do Éros), em que uma das provas que Psiquê tem de realizar para

¹⁶ Alcibiades foi um ateniense muito famoso não menos por sua beleza e por seu desregramento na vida privada do que por suas atividades políticas de consequências determinantes para a Grécia do final do século V a. C.

¹⁷ “(...) o erotismo é antes e sobretudo *sede de outriedade*. E o sobrenatural é a radical e suprema outriedade” (PAZ, 2001, p. 20). “O Desejo é desejo do absolutamente Outro” (LEVINAS, 1980, p. 22). “O eros arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o outro (...) possibilita uma experiência do *outro* em sua alteridade (...)” (HAN, 2017, p.10-11). Já Bataille (2014) refere-se à plethora do erotismo como plethora do outro (p.127), ao passo que Ortega (2019) defende que o amor seria um privilégio daqueles que são propensos a uma curiosidade humana enquanto “um bronco afã de ir de si mesmo ao outro” (p. 59).

¹⁸ Aliás, já no segundo parágrafo dessa obra o narrador orgulha-se do seu pretense parentesco com Plutarco.

¹⁹ Como o outro título da obra, além de *O Asno de Ouro*, é *Metamorfoses*, é de se perguntar se o *adultério* não seria a *adulteração* por excelência e então um modelo de metamorfose.

reencontrar o seu amado deus e tornar-se imortal como ele é controlar a sua curiosidade (VI, 19).

Depois de Apuleio, a curiosidade viria a ser tema da inquietação intelectual de vários filósofos, como Santo Agostinho, Rousseau e Heidegger, só para ficarmos em alguns poucos, mas relevantes exemplos. Para Agostinho (*Confissões*, X, 34-35), a curiosidade seria o desejo de conhecer tudo, mas por meio da carne; estando diretamente ligada à voluptuosidade do olhar e à sedução do mundo, equivaleria a uma queda de nossa alma na multiplicidade mundana e a uma distração dos nossos pensamentos mais elevados, Deus acima de todos, em favor da percepção e do conhecimento de trivialidades. Em boa medida, o problema da curiosidade estaria em certo esquecimento – e sem memória não há, p. ex., confissão –, mas especialmente no esquecimento de Deus.

Rousseau, por sua vez, argumentou no seu *Discurso sobre as ciências e as artes* que os males causados por nossa *vã curiosidade* seriam tão velhos quanto o mundo: a cada vez que passam a estudar a virtude teoricamente, as sociedades deixariam de agir e viver de forma virtuosa (ROUSSEAU, 2005, p.15).

Por último, a curiosidade tem um papel considerável na obra que para muitos é a mais influente da filosofia do século XX, *Ser e Tempo* (§36), de Heidegger. Embora secularizada e pretensamente desprovida de juízo de valor, a descrição que essa obra faz da curiosidade assemelha-se em parte à crítica de Agostinho. Assim, a curiosidade seria inerente à decadência ou à queda (*Verfallen*) estrutural de cada homem em meio à convivência cotidiana com os outros. Ligado a esse movimento de queda estaria o fato de que a curiosidade também seria um modo de ver para Heidegger: é a tendência cotidiana a um ver por ver, descomprometido com qualquer ocupação mais séria. Desse modo o homem abandona-se ao movimento de queda no mundo e abstém-se de carregar o próprio ser – é o prazer de ver algo só para relaxar, esquecer os problemas e não ter de tomar decisões. Queda, descompromisso do ver por ver e abandono ao mundo, como em Agostinho, mas queda e esquecimento não de Deus e sim de *si*, como em Plutarco: a curiosidade (no alemão “*Neugier*”) seria uma sede (-*gier*) pelo novo (*neu-*), como também sublinha Plutarco, sede que se funda em boa medida justamente no prazer do esquecimento e da fuga do “velho” – *grosso modo*, fuga tranquilizante de si mesmo ou da possibilidade de obedecer à voz da consciência, a qual sempre nos recordaria um dever ou uma falta, e isso ainda em face de nossa finitude constitutiva, ou seja, da própria morte (cf. *Ser e Tempo*, §68, 346-48). Buscaríamos o novo, o diferente e o outro, na curiosidade, para fugirmos do mesmo, i. e., de nós mesmos. É como se tentássemos calar a voz da

consciência e esquecer o próprio dever dispersando-nos em um turbilhão de novidades. No fim, acabaríamos traindo a nós mesmos e viveríamos de maneira pouco verdadeira.

Perante esse pequeno panorama, fica patente que a tradição filosófica atribuiu um papel considerável à curiosidade. Se, por um lado, o caráter assaz problemático que o mais das vezes lhe conferiu pode em certa medida decorrer de idiossincrasias dessa tradição específica – p. ex., o privilégio, do ponto de vista gnosiológico, da memória e, do ponto de vista ontológico, do passado, do mesmo e do um em detrimento do futuro, do outro e do múltiplo –, também é preciso reconhecer, por outro lado, que a curiosidade faz-se presente de maneira crucial em nossas vidas. De resto, peculiaridades do contexto atual de nossa civilização atestam que os referidos filósofos tinham certa razão em sua preocupação com essa paixão e nos incitam a recorrer novamente a eles a fim de quicá lidarmos melhor com os nossos problemas. É que com o surgimento das tecnologias mais recentes e com as possibilidades jamais vistas de interação social que elas propiciam, multiplicam-se ao infinito as distrações que nos são disponíveis: nunca foi tão fácil saber da vida alheia, assim como nunca foi tão fácil esquecer a própria.

Referências

- AGOSTINHO. *Confissões* (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1973.
- ANTIFONTE. *Testemunhos, Fragmentos, Discursos*. Trad. e prefácio Luís Felipe Bellintani Ribeiro. RJ: Loyola, 2008.
- APULEIO. *O Asno de Ouro*. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BATAILLE, G. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- CICERONE, *Tuscolane*. Trad. Lucia Zuccoli Clerici. Milano: BUR, 2019.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GÓRGIAS. “Elogio de Helena”. In: GÓRGIAS. *Testemunhos e fragmentos*. Trad. de Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Edições Colibri, 1993.
- HADOT, P. *O que é filosofia antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HAN, B.-C. *Agonia do Eros*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá C. Schuback. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário G. Kury. Brasília: Editora UNB, 1988.
- LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaio*. Volume 1 (*Os Pensadores*). Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Estudos sobre o amor*. Trad. Wagner Shadeck. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.
- PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.
- PISANI, G. *Ritorno a Plutarco*. In: PLUTARCO. *Tutti i moralia*. Organização de Emanuele Lelli e Giuliano Pisani. Milão: Editora Bompiani, 2017
- PLATÃO. *Platonis Opera*, 4 vols. (Org. John Burnet). Oxford: Clarendon, 2002 (1900).
- PLUTARCO. *Vidas*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix.
- _____. *Sobre a Tagarelize e outros textos*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Landy Editora, 2008.
- _____. *Tutti i moralia*. Org. de Emanuele Lelli e Giuliano Pisani. Milão: Editora Bompiani, 2017.
- ROUSSEAU, J.-J. *As Confissões*. Trad. Rachel de Queiroz. São Paulo: Atena Editora, 1959.
- _____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens e Discurso sobre as ciências e as artes*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SCHILLER, F. *Os Bandoleiros*. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- SHAKESPEARE, W. *Peças Históricas*. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Tradução

SOBRE A CURIOSIDADE²⁰

[1] Se uma casa está mal arejada, sem iluminação, fria no inverno, malsã, talvez seja melhor abandoná-la; mas se alguém, por causa do hábito e da familiaridade, ama o lugar, pode-se torná-la mais luminosa, ventilada e sã, modificando a sua iluminação, deslocando a escada, abrindo novas portas e fechando outras. Houve cidades que tiraram proveito de mudanças desse tipo: da minha pátria, por exemplo, que ficava exposta ao Zéfiro²¹ e à tarde era invadida pela luz do sol que descia do Parnaso, conta-se que tenha sido redirecionada para o leste por Querone²². O filósofo naturalista Empédocles, fazendo obstruir um desfiladeiro na montanha através do qual soprava sobre a planície um vento maléfico e opressor, parece ter trancado a peste fora daquela zona. Ora, existem certas paixões malsãs, nocivas, que introduzem na alma tempestade e trevas: a melhor solução, não há dúvida, é extirpá-las e dissolvê-las desde os fundamentos, providenciando-nos céu sereno, luz e ar puro; mas se não é possível, é necessário pelo menos buscar modificá-las e fazê-las assumir, de um modo ou de outro, uma disposição diferente, girando-as e voltando-as para outra direção. Por exemplo, e para já entrar no assunto em questão, a curiosidade²³ é um grande desejo de saber²⁴ dos males alheios, e é doença não separada, pelo que parece, de inveja ou malícia: “Por que estás a escrutinar, homem invejoso, o mal alheio enquanto desvias o olhar do teu?” Desloca essa curiosidade do exterior e redireciona-a para o interior: se gostas de lidar com a contagem de males, tens muito o que fazer na tua própria casa! “Quanta água escorre no Alizão, quantas folhas cobrem um carvalho”, tão grande também é o número de erros que encontrarás na tua vida, de paixões

²⁰ A tradução para o português aqui apresentada foi feita a partir da tradução italiana de Giuliano Pisani, mas com atenção especial ao texto original grego tal como consta na edição bilingue (grego-italiano) presente em PLUTARCO, *Tutti i moralia*, organização de Emanuele Lelli e Giuliano Pisani, Milão, Editora Bompiani, 2017. Todas as notas que aparecerão na nossa tradução constam na tradução para o italiano, salvo aviso em contrário, o que será feito com a sigla “NTB” (nota do tradutor brasileiro).

²¹ Vento Oeste.

²² Fundador mítico de Queroneia, filho de Apolo e de Turo.

²³ No grego, “πολυπραγμοσύνη” (*polypragmosyne*), ou seja, a ocupação com múltiplas (*poly-*) atividades (*-pragmosyne*), donde algumas vezes o termo ter mais o sentido de *indiscrição* e *intromissão no alheio* do que propriamente de *curiosidade* no sentido de desejo de saber (NTB).

²⁴ No grego, “φιλομάθειά” (*philomatheia*), lit. *amor (philo-) por aprender (-matheia)*. Note-se, assim, a relação implícita entre a curiosidade (πολυπραγμοσύνη) e a filo-sofia (i. e., amor à sabedoria). Daí também a importância de redirecionar essa paixão em vez de extirpá-la (NTB).

na tua alma, de negligências nos teus deveres. Xenofonte diz que os bons chefes de casa têm um lugar reservado aos utensílios sacrificiais e um adequado para a louça, enquanto as ferramentas agrícolas são alocadas em outra parte e as armas são separadas de todo o resto: assim tu também tens um depósito de males que vêm da inveja, outro do ciúme, outro ainda da covardia e um enfim da tagarelice sobre ninharias: são esses que debes encarar, esses que debes examinar a fundo! Fecha as janelas e as entradas da curiosidade que dão nas casas dos vizinhos, abre, em vez dessas, as que levam ao teu próprio quarto dos homens, ao das mulheres, à sala de estar dos servos: essa tua mania de saber e de ocupar-te dos afazeres alheios encontrará uma ocupação nem inútil nem maliciosa, mas profícua e salutar, desde que cada um diga a si mesmo: “Aonde fui? O que fiz? Que dever deixei de cumprir?”²⁵

[2] Ora, como na fábula se conta que Lâmia dorme cega na própria casa, mantendo os olhos em um vaso, mas quando sai de casa coloca-os de novo e volta a enxergar, assim cada um de nós, quando está fora de casa e tem o que fazer com os outros, acrescenta à própria malícia, como se fosse um olho, a indiscrição, enquanto nos nossos erros e nos nossos vícios tropeçamos frequentemente por ignorância, porque não os observamos e não os iluminamos. Eis por que o homem indiscreto e intrometido termina sendo mais útil aos seus inimigos que a si mesmo: censura e remove os erros deles mostrando aquilo que devem evitar e corrigir, mas por culpa desse seu interesse apaixonado pelos afazeres do exterior acaba descurando da maior parte dos afazeres da própria casa. Odisseu não se dispôs a falar nem mesmo com a própria mãe enquanto não soube do adivinho o motivo pelo qual descera ao Hades²⁶; mas uma vez que o soube, voltou-se para ela e fez perguntas até às outras mulheres, perguntando quem era Tiro, quem era a bela Cloris e por que havia morrido aquela Epicaste “que pendurou a liga funesta no alto teto”²⁷. Nós, ao contrário, não nos importando com nossos afazeres e tratando-os com indiferença e ignorância, interessamo-nos pela genealogia dos outros: o avô do nosso vizinho era sírio, a avó veio da Trácia; o tal tem uma dívida de três talentos e não pagou os juros. E até fazemos investigações do tipo: de onde voltava a esposa de fulano? O que se diziam aqueles dois na esquina? Sócrates, em vez disso, perambulava preocupado em saber o que dizia

²⁵ Dito por Pitágoras.

²⁶ *Odisseia* 11.84 ss. Hades, além de um deus, é o mundo inferior, dos mortos, na mitologia grega. Plutarco refere-se a um episódio do poema de Homero, a *Odisseia*, em que Odisseu (ou Ulisses) tem de descer ao Hades antes de voltar para casa (NTB).

²⁷ *Odisseia* 11.278.

Pitágoras para convencer os outros. E Aristipo²⁸, quando encontrou Iscómaco²⁹ nos Jogos Olímpicos, perguntou-lhe de que coisa falava Sócrates para exercer tamanha influência sobre os jovens, e ao aprender algumas pequenas sementes e amostras dos discursos que fazia, ficou por eles tão comovido que chegou a sentir vertigens, empalideceu e ficou debilitado, a tal ponto que navegou imediatamente para Atenas, onde, inflamado que estava pela sede, bebeu direto na fonte e pôde conhecer aquele homem, os seus discursos e aquela filosofia, cujo escopo consistia em conhecer os próprios defeitos e deles libertar-se.

[3] Há pessoas, porém, que não suportam observar a própria vida, que consideram o mais triste dos espetáculos, e refletir e revirar para si mesmas, como uma luz, a razão: a alma dessas pessoas, cheia de toda sorte de vícios, arrepia-se e estremece ao pensar naquilo que tem dentro de si, e salta porta afora e vai por aí vagando entre as coisas alheias, alimentando e engordando a própria maldade. Como uma galinha, ainda que tendo consigo comida boa e pronta, vai enfiar-se em um canto mexendo “lá onde, no estrume, aparecia um grão de cevada”³⁰, assim os curiosos³¹, desinteressando-se dos discursos e das histórias que são de domínio público e de todas aquelas notícias que ninguém busca ocultar e que não suscitam animosidades contra quem as quer conhecer, escolhem saber dos males ocultos e secretos que existem em toda família. E, de fato, foi sagaz a resposta dada pelo egípcio a quem lhe perguntava pelo que tinha coberto: “Por isso está coberto!” E tu, então, por que queres enfiar o nariz naquilo que é mantido escondido? Se não fosse um mal, não estaria escondido! Sem dúvida não se costuma entrar na casa dos outros sem bater à porta; agora há os porteiros, mas uma vez havia sobre as portas os badalos, que se batiam para anunciar as visitas, a fim de que um estranho não pegasse de surpresa a dona da casa, a jovem filha, um escravo enquanto era punido ou as servas quando levantavam a voz. O curioso, ao contrário, é exatamente para ter essas surpresas que se insinua de supetão em uma casa. De uma família respeitável e tranquila, contudo, não se faria de bom grado espectador nem se fosse convidado: são as coisas reservadas, para as quais existem chave, cadeado e portão de ingresso, que ele quer revelar aos outros e divulgar ao público. “Os ventos que dão mais incômodo”, diz

²⁸ Filósofo discípulo de Sócrates (NTB).

²⁹ Iscómaco era um rico proprietário de terras ateniense e figura entre os interlocutores de Sócrates na obra *Econômica*, de Xenofonte.

³⁰ Verso de autor desconhecido.

³¹ No italiano, “*i ficcanaso*”, i. e., os intrumetidos, que enfiam (*ficcare*) o nariz (*naso*) onde não devem; no grego, “οἱ πολυπράγμονες” (NTB).

Aríston, “são aqueles que levantam as roupas”, mas o curioso não despe os vizinhos de túnicas ou de mantos, mas sim das paredes domésticas, e lhes escancara as portas e, como o vento “através da menina de pele delicada”, também ele penetra e se insinua para espiar e denunciar entretenimentos dionisiacos, danças e festinhas noturnas.

[4] Como o Cleon da comédia “tem entre os Etólios as mãos, entre os Clópidas a mente”, assim a mente do curioso está simultaneamente nos palácios dos ricos, nos casebres dos pobres, nas cortes dos reis, nos quartos dos noivos: todos os negócios ele investiga, assim os dos estrangeiros como os dos chefes, investigação essa não desprovida de perigos: se alguém experimentasse o acônito³² por estar curioso para conhecer as suas propriedades, morreria antes mesmo de sentir o seu sabor; assim as pessoas que investigam os males dos poderosos arruinam-se antes mesmo de chegar a conhecê-los. Também aqueles que não se preocupam em observar essa superabundante luz do sol que desce sobre todas as coisas, mas se esforçam e ousam fixar despudoradamente o olhar exatamente dentro do disco solar, tentando distinguir a sua luz, acabam ficando cegos. Fez bem, portanto, o comediógrafo Felipe em responder ao rei Lisímaco, que uma vez lhe perguntara: “Quais das minhas coisas posso compartilhar contigo?” “Qualquer uma, meu rei, exceto os segredos!” Aquilo que os reis têm de mais agradável e belo é exposto em público, como os banquetes, as riquezas, as festas, os favores; mas se têm algum segredo, não te aproximes, não o tires do lugar! A alegria na prosperidade, a alegria no divertimento, os atos de generosidade e de favor, decerto um rei não os mantém escondidos. Aquilo que tem escondido, ao contrário, é terrível, sombrio, sem sorriso, algo de que não se deve se aproximar: é o depósito de uma cólera purulenta, o pensamento de uma vingança que lhe pesa o coração, o ciúme da esposa, a suspeita de um filho, a desconfiança na relação com um amigo. Ah, foge dessa nuvem negra que se adensa! Não esquecerás os seus raios e trovões, quando estourar aquilo que estava escondido!

[5] Qual é, então, o modo de fugir? A conversão, como foi dito, e o deslocamento da curiosidade, virando a alma para assuntos melhores e mais agradáveis. Observa com curiosidade os fenômenos do céu, da terra, do ar, do mar! A tua natureza te leva a observar os fenômenos pequenos ou os grandes? Se grandes, aplica a tua curiosidade em indagar donde nasce e onde se põe o sol. Investiga as fases da lua, como se fossem as mudanças de um ser humano: pesquisa onde gastou tanta luz, de onde depois a recupera, por que “de

³² Uma raiz venenosa.

invisível no início faz-se nova embelezando o seu rosto e enchendo-se de luz; e quando aparece em todo seu esplendor, eis que de novo diminui e vai em direção ao nada”³³. Esses são os segredos da natureza, mas ela não se irrita com quem os descobre. Rejeitaste, porém, os fenômenos grandiosos? Então aplica a tua curiosidade aos menores: por que há plantas sempre viçosas e verdes, orgulhosas de exibir em todas as estações a sua riqueza, e há outras, que ora são semelhantes àquelas, ora, ao contrário, depois de ter dissipado como um pródigo todos os seus bens, ficam nuas e miseráveis? Por qual motivo algumas produzem frutos alongados, outras angulosos e outras ainda redondos e esféricos? Mas talvez esses problemas não te despertem a curiosidade, porque neles não há nada de vicioso. Se a indiscrição deve pastar e demorar-se unicamente em meio a assuntos mórbidos, como um verme em substância em decomposição, desloquemo-la então para a história e coloquemos diante dela uma infinita sequência de males. Lá há “quedas de guerreiros e espasmos violentos de morte”³⁴, seduções de mulheres, agressões de escravos, calúnias de amigos, preparação de venenos, invejas, ciúmes, naufrágios de famílias, quedas de impérios! Enche-te e goza de tudo isso, sem incomodar ou perturbar nenhum dos teus conhecidos!

[6] Parece, contudo, que a curiosidade não tem prazer com os males do passado, mas só com aqueles quentes e recentes, e que contempla com prazer tragédias novas, mas não se aproxima com excessivo entusiasmo de temas cômicos e alegres. Por isso, se alguém conta de um casamento, de um sacrifício ou de uma procissão, o curioso mostra-se um ouvinte distraído e negligente: a maior parte dos pormenores, diz já os ter escutado e manda quem lhe narra interromper o relato e passar adiante. Mas se ao seu lado se senta alguém que lhe conta da sedução de uma jovem ou do adultério de uma mulher casada ou dos preparativos de um processo ou contenda entre irmãos, então é certo que não cochila e não tem ocupação alguma que o atrapalhe, “mas anseia por outras palavras e alonga as orelhas”³⁵. E aqueles versos: “Ai, muito antes da felicidade, chega aos ouvidos dos mortais a desventura!”, aplicam-se perfeitamente ao curioso. Como as ventosas sugam para fora da carne as partes mais malsãs, assim as orelhas do curioso atraem para si as histórias mais miseráveis. Ou melhor, como as cidades têm as portas malditas e sinistras, através das quais se retiram os condenados à morte e se jogam fora as imundícies e os resíduos das purificações, mas não entra nem sai nada de puro

³³ Fragmento (871 R.) poético de Sófocles.

³⁴ Trecho da peça *As Suplicantes* (v. 937), do poeta e dramaturgo ateniense Ésquilo.

³⁵ Fragmento poético.

e de sagrado, assim também as orelhas do curioso não são atravessadas ou atingidas por nada de bom ou de decente, mas exclusivamente por discursos macabros, que transportam uma carga de coisas impuras e contaminadas. “Sobre a minha casa sempre só se abate o canto do lamento”³⁶: essa é para o curioso a única Musa e sereia, essa a música mais doce! Com efeito, a curiosidade é um desejo de conhecer³⁷ aquilo que está oculto e escondido; mas não há ninguém que esconda um bem que possui, quando até se finge possuir o que não se tem. O curioso, portanto, propenso como é à busca de desgraças, é tomado pela paixão da malícia³⁸, que é irmã da inveja e da maledicência. A inveja, com efeito, é sofrimento diante dos bens alheios, enquanto a malícia é o prazer que se experimenta diante dos males alheios; ambas são filhas de uma paixão cruel e selvagem, a maldade de caráter.

[7] A revelação dos próprios males é de tal modo penosa para cada um, que muitos morreram antes de mostrar aos médicos alguma doença secreta. Supõe que Erófilo ou Erasistrato ou o próprio Asclépio, quando era um homem, fossem de casa em casa com os seus medicamentos e instrumentos perguntando se alguém tinha uma fístula no ânus ou uma mulher um câncer no útero³⁹: com certeza, nessa arte a curiosidade é salutar. Mas todo mundo – penso – teria botado para fora essa pessoa, porque, sem esperar pela necessidade e sem ser chamado, ia perguntando pelos males alheios. Mas os curiosos buscam justamente esses, e ainda os piores, e não para curá-los, mas só para divulgá-los: razão pela qual são odiados, e de forma justa. Com os alfandegários, por exemplo, nos irritamos e nos aborrecemos não quando cobram o imposto sobre as mercadorias importadas por nós às claras, mas quando se metem a fuçar aquilo que está escondido nas bagagens e nas malas dos outros, colocando tudo de cabeça para baixo. E, no entanto, é a lei que os autoriza e, se não o fazem, são punidos. Os curiosos, em contrapartida, para se ocuparem dos afazeres alheios, estragam e comprometem os seus. Raramente frequentam o interior, porque não suportam a calma e o silêncio da solidão; mas se depois de um tempo para lá retornam, observam as vinhas dos vizinhos mais do que as próprias; querem saber quantos bois dos vizinhos morreram ou

³⁶ Fragmento (853 R.) poético de Sófocles.

³⁷ No grego, “φιλοπευστία”, i.e., *amor (philo-), gosto* ou mesmo *vício* por se informar, aprender (NTB).

³⁸ No grego, “ἐπιχαιρεκακία”, ou seja, *alegria diante de um mal* (NTB).

³⁹ Erófilo da Calcedônia, célebre médico helenístico, esteve entre os fundadores da anatomia como disciplina científica: atuou em Alexandria na primeira metade do séc. III a. C. Erasistrato de Iuli, na ilha de Ceos (séc. III a. C.), foi colega de Erófilo e compartilhou com ele os estudos anatômicos, praticando inclusive autópsias e laparatomias. Fundou uma escola que durou mais de quatro séculos. Asclépio, filho de Apolo e Corônide, aluno do centauro Quíron e médico de extraordinária capacidade, foi fulminado por Zeus por ter transgredido as leis divinas ao ressuscitar um defunto.

quanto vinho avinagrou, e abastecidos de tais notícias logo correm dali. O verdadeiro agricultor, ao invés disso, não escuta com prazer nem mesmo as novidades que chegam espontaneamente da cidade, e diz: “Depois, arando a terra, me dirá em que condições fizeram a paz: disso é curioso, o desgraçado, e agora vai embora passeando”.

[8] Os curiosos, em vez disso, fogem da vida no interior como de algo velho, frio, desprovido de dramaticidade, e mergulham no tropel do mercado, da praça, dos portos: “Nada de novo?” – “Não estavas na praça hoje de manhã?” – “Sim” – “E daí? Achas que em três horas a cidade teria mudado de constituição?” Isso não obstante, se alguém tem algo do gênero para lhe relatar, ele desmonta do cavalo, aperta-lhe a mão, abraça-o e permanece parado escutando-o. Se encontra outro que lhe diz que não há nenhuma novidade, quase aborrecido lhe retruca: “Mas o que estás dizendo? Não foste à praça? Não passaste pelo tribunal? Não encontraste nem mesmo aqueles que chegaram da Itália?” Portanto fizeram bem os magistrados de Locri: quando alguém, voltando do estrangeiro, aproximou-se dizendo: “Nada de novo?”, aplicaram-lhe uma multa. Os cozinheiros rogam por uma grande quantidade de peixe: assim os curiosos anseiam por abundância de desgraças, grande número de intrigas, novidades e mudanças, para ter sempre algo para pescar e esquitejar. Bem fez o legislador de Turi, que proibiu de atuar nas comédias os cidadãos à exceção dos adúlteros e dos curiosos. Com efeito, o adultério parece ser certa curiosidade pelos prazeres alheios e uma busca e investigação de coisas protegidas e escondidas da maioria, enquanto a curiosidade é uma intrusão, uma usurpação e um desnudamento dos segredos.

[9] Ao aprender muito se segue a necessidade de falar muito – e por isso Pitágoras impôs aos jovens um silêncio de cinco anos, definindo-o “saber calar” –, enquanto à indiscrição se segue inevitavelmente a maledicência: fala-se de bom grado daquilo que de bom grado se escuta, e aquilo que com interesse se aprende de uns, com prazer se o comunica aos outros. Por consequência, ao lado dos outros inconvenientes, essa doença é, para os próprios curiosos, um obstáculo para a satisfação dos seus desejos: todos ficam precavidos e buscam se esconder, porque não gostam de fazer nada se um curioso os vê, ou de dizer algo se os ouve, mas preferem adiar uma decisão ou postergar o exame de um assunto, até que aquele indivíduo tenha saído de perto. Se se está discutindo um assunto secreto ou concluindo um negócio sério, ao aparecer um curioso, interrompe-se e esconde-se tudo, como se faz com a comida quando passa a gata, de modo que amiúde só a eles se escondem e se calam aquelas coisas que aos outros podem ser ditas e reveladas. Eis por que não se tem confiança no curioso: preferimos confiar

cartas, escritos e segredos a nossos escravos, por exemplo, ou a estrangeiros, antes que a amigos ou parentes curiosos. O famoso Belerofonte, embora levando um escrito que o acusava, absteve-se de abri-lo e respeitou as cartas do rei como lhe havia respeitado a esposa, graças ao mesmo autocontrole [*Iliada* 6.155-205]. A curiosidade, como também o adultério, é sinal de incontinência⁴⁰, e, além de incontinência, de terrível estupidez e demência. Passar ao lado de tantas mulheres acessíveis a todos e de domínio público para perseguir uma tida sob chave, muito cara e, como sói acontecer, até mesmo feia, é o cúmulo da loucura e da estupidez. E, no entanto, os curiosos fazem a mesma coisa: embora passando ao lado de tantas coisas belas para ver e para escutar, vão fuçar na correspondência dos outros, encostam a orelha nas paredes dos vizinhos de casa, metem-se a cochichar com servos e meninas, muitas vezes não sem risco e sempre de forma desonrosa.

[10] Por esse motivo, um remédio eficaz como nenhum outro para desviar os curiosos do seu vício é a recordação daquilo que já descobriram antes. Simônides costumava dizer que, abrindo os cofres depois de um tempo, encontrava sempre cheio aquele dos pagamentos e vazio aquele dos agradecimentos: assim, se depois de um tempo alguém abrisse o depósito da curiosidade e o descobrisse cheio de muitas coisas inúteis, insignificantes e desagradáveis, então o seu modo de agir se lhe apresentaria talvez como aquilo que é, parecendo-lhe de todo desagradável e tolo. Imagina que, folheando os escritos dos antigos, alguém selecionasse as piores passagens e formasse uma antologia dos versos acéfalos de Homero⁴¹, por exemplo, dos solecismos dos trágicos, das expressões inconvenientes e licenciosas lançadas contra as mulheres por Arquíloco, que dá desse modo um triste exemplo de si: pois bem, esse não mereceria talvez essa maldição da tragédia: “Possa perecer, tu que escolhes as desventuras dos mortais”? Contudo, maldição à parte, uma tal coleção de pecados alheios é inconveniente e inútil: assemelhar-se-ia à cidade que Felipe fundou com os piores e mais dissolutos homens, dando-lhe o nome de Ponerópolis!⁴² Os curiosos, portanto, que não a partir de versos ou de poemas vão selecionando e colecionando os erros, solecismos e dissonâncias, mas sim da vida alheia, carregam consigo por aí aquele arquivo de males deselegantíssimos e desagradabilíssimos que é a sua memória. Em Roma, por exemplo, tem gente que não dá a mínima importância às pinturas, às estátuas e nem mesmo – por Zeus! – à beleza de meninas e de mulheres à venda, mas

⁴⁰ No grego, “ἀκρασία” (NTB).

⁴¹ São os hexâmetros iniciados com uma sílaba breve em vez de longa.

⁴² Ponerópolis significa etimologicamente “Cidade dos malvados”.

circula pelo mercado dos monstros para observar indivíduos desprovidos de pernas, com braços curtíssimos, três olhos ou pescoço de avestruz, e se informa se nasceu algum “ser híbrido e monstro horrível”⁴³. Ora, se se os leva a continuarem a assistir a tais espetáculos, eles logo acabarão ficando aborrecidos e enjoados: assim também quem se mete nos insucessos da vida, nas vergonhas da família e em certas perversões e desarmonias que se encontram na casa dos outros deve ser lembrado de que as primeiras experiências não lhe trouxeram nem alegria nem utilidade alguma.

[11] Para desviar⁴⁴ essa paixão⁴⁵, contudo, o remédio mais importante consiste na habituação⁴⁶, no começar, ainda que pouco a pouco, a exercitar⁴⁷ e ensinar a nós mesmos a aquisição desse autocontrole. Com efeito, é exatamente graças à habituação que essa doença se desenvolve, progredindo pouco a pouco. Como isso pode acontecer, nós o compreenderemos falando ao mesmo tempo do exercício⁴⁸ que se deve praticar. Começemos dos casos mais simples e menos importantes. Que dificuldade há, por exemplo, em não ler as inscrições postas sobre as tumbas pela estrada, ou qual o grande incômodo, durante um passeio, em passar ao largo dos escritos sobre os muros com o olhar? Bastará imaginar para nós mesmos que ali não tem escrito nada de útil ou de agradável, mas simplesmente que um tal “lembra” outro “desejando-lhe bem”, ou então que fulano é “o melhor dos amigos” e muitas outras frases cheias de tais banalidades. A leitura de tais escritos aparentemente não é nociva, mas inconscientemente o é, porque introduz em nós o hábito de indagar assuntos que não nos dizem respeito. Os caçadores, por exemplo, não permitem que os filhotes de cães se distraiam e sigam qualquer pista, mas os puxam para frente e para trás com a coleira, querendo conservar-lhes puro e intacto o faro em vista de sua tarefa específica, para que o animal seja mais concentrado nos rastros “quando com as narinas fareja as pegadas da caça”⁴⁹: assim se deve estar atento para eliminar as distrações e as voltinhas do curioso, que tudo quer ver e tudo escutar, e redirecioná-lo em sentido contrário para ocupações úteis. As águias e os leões, quando caminham, retraem as garras para evitar estragar-lhe a ponta e a afiação: assim nós também, considerando a

⁴³ Fragmento (996 K.) do poeta Eurípidés.

⁴⁴ No grego, “ἀποτροπήν” (NTB).

⁴⁵ No grego, “πάθος” (NTB).

⁴⁶ No grego, “ἐθισμός” (NTB).

⁴⁷ No grego, “γυμνάζωμεν” (*gymnázomen*). Aqui começa a aparecer o aspecto ascético (do gr. *askesis*, exercício) dessa concepção da filosofia (NTB).

⁴⁸ Eis o referido exercício, “ἄσκησις”, no grego (NTB).

⁴⁹ Verso de um poeta desconhecido.

curiosidade do desejo de saber⁵⁰ como uma ponta afiada, devemos procurar não gastá-la nem aplainá-la com coisas inúteis.

[12] Em segundo lugar, passando diante da porta alheia, acostumemo-nos a não olhar para dentro e a não nos apropriarmos daquilo que acontece no interior, usando a nossa indiscrição como se fosse uma mão: tenhamos presente⁵¹, em vez disso, a frase de Xenócrates⁵², que dizia que não tem qualquer diferença entre o meter os pés ou os olhos na casa alheia, porque aquilo que ali se observa não é nem justo nem belo, e nem sequer agradável: “Hóspede, decerto o interior é feio de se ver!”⁵³ Na realidade, os espetáculos que se observam no interior das casas são em geral do seguinte tipo: utensílios de cozinha jogados no chão, servas sentadas, nada de importante ou enfim de agradável. Essa tendência a espreitar o interior e a lançar olhares furtivos, que nos distorce a alma, é vergonhosa, e como hábito é perverso. Diógenes, observando que Dioxipo, vencedor nas Olimpíadas, ao fazer o seu ingresso triunfante sobre a carruagem não conseguia desviar os olhos de uma bela mulher que assistia ao cortejo e se voltava continuamente lançando-lhe olhares furtivos, disse: “Vêem como o atleta se deixa torcer o pescoço por uma menininha?” Semelhantemente, poderias observar como os curiosos se deixam torcer o pescoço e carregar por aí por qualquer espetáculo, uma vez enraizadas neles a prática e o hábito de lançar o olhar em qualquer direção. Na minha opinião, em vez disso, a vista não deve voltar-se para o exterior como uma serva mal-educada, mas, quando a alma a conduz a várias coisas, deve alcançá-las logo e fazer o seu relato, depois retornando disciplinadamente ao controle da razão, na espera das suas ordens. Agora em vez disso se nota aquilo que diz Sófocles: “Em seguida os cavalos do auriga Ênio, rebeldes ao freio, arrastam-no à força”. Os sentidos que não receberam, como nós dizemos, uma educação e um adestramento adequados, lançam-se afora sem esperar o pensamento e arrastam-no consigo, fazendo-o com frequência se precipitar onde não deveria. Portanto é falsa a notícia de que Demócrito teria danificado de propósito os próprios olhos fixando-os num espelho incandescente e expondo-os ao reflexo, para que parassem de perturbá-lo atraindo continuamente para fora o pensamento, mas uma vez obstruídos, como se fossem janelas que vão dar na estrada, permitissem-lhe permanecer no interior e dedicar-se aos conceitos: mais do que tudo, ao contrário, é verdade que quem

⁵⁰ No grego, “φιλομαθοῦς” (*philomathous*), ou seja, do amor pelo saber ou aprender (NTB).

⁵¹ No grego, “πρόχειρον”, lit. *diante (pro-) da mão (-kheiron)*, ou seja, à mão, disponível, pronta para o uso (NTB).

⁵² Trata-se do platônico Xenócrates da Calcedônia.

⁵³ Fragmento (790 K.) do poeta Eurípidés.

mais emprega o pensamento menos coloca em movimento os sentidos. Os centros de cultura e de estudo foram construídos muito longe das cidades e à noite se deu o nome de “propícia”⁵⁴ no pressuposto de que a calma e a ausência de distração são de grande ajuda na solução e na meditação daquilo que se está investigando.

[13] Mas este outro método também não é difícil nem cansativo: quando algumas pessoas trocam insultos e ofensas na praça, não se aproximar; se por qualquer motivo se formou uma aglomeração de pessoas, permanecer sentado; se não se é capaz, levantar-se e ir embora. Se te misturas aos curiosos não lhes extrairás nada de bom; grandes vantagens tirarás, ao contrário, se conseguires desviar à força a curiosidade e reprimi-la, habituando-a a obedecer à razão⁵⁵. Por consequência, é bom intensificar o exercício e continuar reto ao passar diante de um teatro em que se faz uma apresentação de sucesso, ou mesmo recusar o convite de alguns amigos que querem te levar para assistir à exibição de um dançarino ou de um comediante, ou então não se voltar para trás se no estádio ou no hipódromo se ergue um grande clamor. Sócrates exortava a abster-se das comidas que induzem a comer mesmo quando não se tem fome e das bebidas que incitam a beber mesmo quando não se tem sede: assim também nós devemos evitar e desviar a vista e os ouvidos de tudo aquilo que nos subjugua e nos atrai sem a menor necessidade. Ciro, por exemplo, recusava-se a conhecer Panteia, mas dado que Araspe insistia dizendo que a beleza da mulher merecia ser vista, replicou: “Esse é um motivo a mais para que eu fique longe dela. Se agora eu me deixasse convencer por ti e fosse encontrá-la, depois talvez seria ela a me convencer, mesmo se me faltasse tempo, a voltar a visitá-la, a vê-la, a ficar próximo dela, descurando assim muitos compromissos importantes”⁵⁶. O mesmo fez Alexandre, que não quis conhecer a mulher de Dario, da qual se dizia que era belíssima; visitava, em vez disso, a mãe dela, que era anciã, mas não lhe apetecia ver a filha, bela e jovem. Nós, em vez disso, lançamos o olho nos leitos das mulheres, ficamos grudados nas suas janelas e achamos que não fazemos nada de mal ao tornar a nossa curiosidade tão inclinada a escorregar e escorrer em todas as coisas.

[14] Para se exercitar⁵⁷ na justiça, pode-se renunciar em qualquer ocasião a um ganho justo para habituar-se⁵⁸ a ficar longe daqueles injustos, e

⁵⁴ No grego, “εὐφρόνην” (NTB).

⁵⁵ No grego, “ὑπακούειν τῷ λογισμῷ” (NTB).

⁵⁶ Em Xenofonte, *Cirópedia*, 5, 1, 8.

⁵⁷ No grego, “ἀσκησις” (*askesis*) (NTB).

⁵⁸ No grego, “ἐθίσης σεαυτὸν”, *habituava a ti mesmo*. Aqui fica patente a dinâmica do aspecto ascético da filosofia, pois se percebe com clareza o nexa entre exercício, hábito e um caráter ou modo de ser

para se exercitar na continência é possível às vezes abster-se de ter relações com a própria mulher para nunca ser tentado pela de outro. Ora, aplicando essa prática à curiosidade, tenta também tu às vezes não escutar ou não ver certas coisas que te dizem respeito e se alguém quer te relatar notícias sobre discursos que teriam sido pronunciados a teu respeito. Foi exatamente a curiosidade que submergiu Édipo nos males mais terríveis. Enquanto buscava demonstrar a si mesmo que não era coríntio, mas estrangeiro, cruzou com Laio, assassinou-o e em acréscimo ao reino teve como esposa sua mãe, mas, embora considerando-se feliz, não deixava de indagar sobre si mesmo. A mulher se lhe opunha, mas ele cada vez mais insistia com perguntas ao velho que tudo sabia; no fim, quando os fatos já o arrastavam ao suspeito e o velho tinha gritado: “Ai! Estou no ponto terrível de dizer!”, inflamado pela paixão e impaciente para saber, respondeu o mesmo: “E eu de escutar; mas, no entanto, devo!”. Assim dulciamaro e incontrolável é o comichão da curiosidade: é como uma ferida que sangra quando é coçada. Mas quem está longe dessa doença e é moderado por natureza, se não vier a saber de uma notícia desagradável, dirá: “Ó divino esquecimento dos males, como és sábio!”⁵⁹

[15] Eis por que é preciso habituar-se, se nos é entregue uma carta, a não abri-la logo e com precipitação, como faz a maioria, que se as mãos são demasiado lentas, roem os nós com os dentes; se chega um mensageiro de alguma parte, não devemos correr ao seu encontro, e se um amigo diz: “Tenho novidades para te contar”, não devemos pular em pé, mas lhe responder: “Diz antes se tens algo de bom ou de útil”. Um dia eu estava dando uma palestra em Roma e entre o público também estava aquele Rústico, que depois foi condenado à morte por Domiciano, com ciúme da sua fama; bem no meio da palestra entrou um soldado, que lhe entregou uma carta do imperador. Fez-se silêncio e eu mesmo interrompi a minha fala, para que ele tivesse como ler o escrito; no entanto, ele se recusou a ler e não abriu a carta até que eu tivesse concluído o meu discurso e a plateia tivesse ido embora. Por esse comportamento, todos admiraram a dignidade do homem. Mas se se alimenta a própria curiosidade com aquilo que é lícito e se a torna forte e violenta, não se é mais capaz depois de controlá-la facilmente quando, arrastada pelo hábito, se lança sobre coisas proibidas. Essas são as pessoas que abrem a correspondência dos amigos, que se introduzem nas reuniões secretas, que vão assistir a cerimônias religiosas que não é permitido ver, que colocam os pés em

virtuoso: a reiteração de uma prática pelo exercício gera um hábito, que por sua vez constitui o caráter (NTB).

⁵⁹ Eurípides, *Or.* 213.

terra consagrada e interdita, que ficam perscrutando o que fazem e dizem os reis.

[16] No caso dos tiranos, que têm necessidade de saber tudo, é a raça dos assim chamados “ouvidos” e dos delatores que os torna tão odiosos. Dario o Bastardo, que desconfiava de si mesmo e via os outros com suspeita e medo, foi o primeiro a se servir de espíões; os Dionísios misturaram entre os siracusanos os seus informantes, de modo que, quando estourou a revolução, os primeiros que os siracusanos prenderam e mataram a pauladas foram justamente esses últimos. A raça dos sicofantas, de fato, pertence à família e à confraria dos curiosos, mas enquanto os sicofantas investigam se alguém tramou ou cometeu um crime, os curiosos investigam e levam a público até as desgraças que recaíram sem qualquer culpa sobre seus vizinhos. Diz-se que o assim chamado *alitérios* ganhou inicialmente esse nome por causa da curiosidade⁶⁰: parece que uma vez houve em Atenas uma carestia muito grave, e como quem tinha o grão não o levava ao mercado, mas o moía escondido em casa e de noite, tinha gente que saía pelas ruas para ouvir o barulho das triturações. Eis de onde derivou o nome *alitérios*. De modo análogo também teria nascido a palavra “sicofanta”⁶¹: dado que era proibido exportar figos, quem denunciava e desmascarava os contraventores recebeu o apelido de sicofanta. Pois bem, não é inútil que os curiosos reflitam sobre isso, para que se envergonhem da semelhança e da afinidade do seu comportamento com aquele das pessoas mais odiadas e aborrecidas⁶².

Email: pedrobaratieri@hotmail.com

Recebido: 07/2022

Aprovado: 10/2022

⁶⁰ O termo “*alitérios*”, que em grego significa “ímpio”, “vingador”, “maldito”, “gênio maléfico”, é coligado por Plutarco, com etimologia equivocada, com a raiz do verbo “*aléō*”, “moer”: donde a história que conta.

⁶¹ Sicofanta (de *sykon*, “figo”, e *pháino*, “mostro”) seria, de acordo com os antigos, aquele que denuncia os exportadores de figos ou ladrões dos figos sagrados.

⁶² Gostaria de agradecer a dois pareceristas anônimos pelas relevantes contribuições que fizeram à presente tradução (NTB).